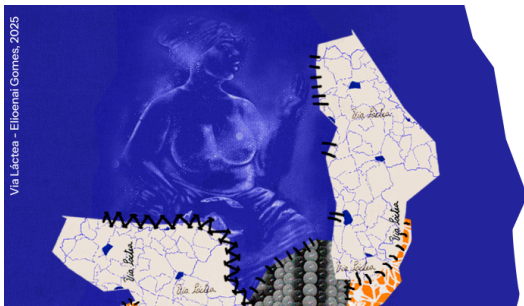




INTEGRAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO CURRICULAR NA CURVA DA MUNGUBA- UFPB

CURRICULAR INTEGRATION AND EXPERIMENTATION AT CURVA DA MUNGUBA – UFPB

Carolina Ferreira da Fonseca¹

Universidade Federal da Paraíba

Marco Aurélio Damaceno²

Universidade Federal da Bahia

Sabrina Fernandes Melo³

Universidade Federal da Paraíba

Sicília Calado Freitas⁴

Universidade Federal da Paraíba

Sofia Porto Bauchwitz⁵

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Este trabalho aborda a realização de um projeto interdisciplinar denominado *Terreiro de Esculturas na Curva da Munguba*, que teve como objetivo experimentar elementos centrais da reestruturação curricular dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Fundamentado em pesquisa bibliográfica, documental e de campo, este artigo analisa o projeto que articulou quatro disciplinas do currículo, visando constituir um laboratório coletivo de formação de

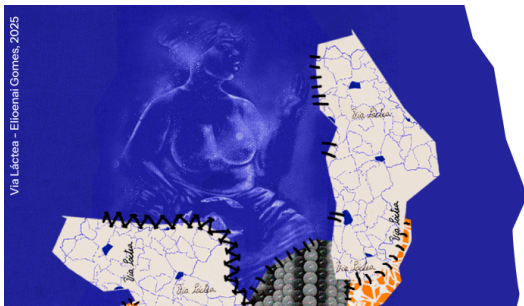
¹ É artista gráfica e editora independente, fundadora do Coletivo Sociedade da Prensa em Salvador. Doutora pela Universidade Federal da Bahia, com pesquisa dedicada à produção cartográfica contemporânea na intersecção entre estética e resistências territoriais. Professora de Artes Visuais da UFPB onde coordena o NAC- Núcleo de Arte Contemporânea e o projeto Educação Popular: escolas vivas da Paraíba e produção de materiais didáticos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5992046118959738>

² Doutor em Artes Visuais pela UFRJ e Mestre em Artes Visuais pela UFBA, artista visual e professor titular do IHAC/UFBA, pesquisando a escultura em campo ampliado, o corpo, a natureza e a ancestralidade, com foco em estética e poéticas afroindígenas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/188768910776506>

³ Doutora em História. Professora no Departamento de Artes Visuais da UFPB e no Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV/UFPB/UFPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/149522244414936>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5259-3360>

⁴ Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Concluiu pós-doutorado na University of Texas at Austin em 2019. Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e coordenadora dos Cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado. <http://lattes.cnpq.br/6692703559800264>.

⁵ Artista visual e pesquisadora, atualmente é professora do Departamento de Artes Visuais da UFPB. Tem atuado na área de Teoria e Crítica de Arte com ênfase nos processos de criação e modos de (des)disciplinar pesquisas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0877272376067213>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1629-7799>



estudantes. A iniciativa possibilitou uma experiência de formação baseada nos *Ateliês Imersivos de Poéticas Integradas* (AIPINS), parte da nova estrutura curricular dos cursos de Artes Visuais da UFPB, cuja abordagem busca minimizar a fragmentação curricular e integrar ensino, pesquisa e extensão, favorecendo o trabalho vivencial, colaborativo e imersivo. A realização do projeto revelou desafios e potencialidades dessa nova configuração curricular, levando docentes e discentes a refletir sobre caminhos para a formação em artes visuais, concebidos e desenvolvidos especialmente para uma experiência mais articulada e empiricamente fundamentada.

Palavras-chave: ateliê imersivo de poéticas integradas - AIPIN; formação em artes visuais; experiência curricular integradora.

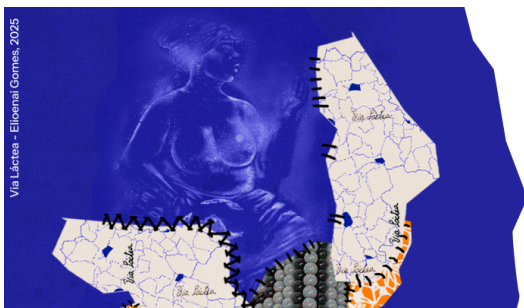
Abstract: This paper presents the implementation of an interdisciplinary project entitled *Terreiro de Esculturas na Curva da Munguba* (Sculpture Yard at the Bend of the Munguba), which aimed to experiment with key elements of the curricular restructuring of the Bachelor's and Licentiate programs in Visual Arts at the Federal University of Paraíba. Grounded in bibliographic, documentary, and field research, this article analyzes the project that brought together four disciplines of the curriculum, seeking to establish a collective laboratory for student training. The initiative enabled a learning experience based on the AIPINS – *Immersive Studios of Integrated Poetics* – which are part of the new curricular structure of the Visual Arts programs at UFPB. This approach seeks to minimize curricular fragmentation and to integrate teaching, research, and extension, fostering experiential, collaborative, and immersive work. The implementation of the project revealed both challenges and potentialities of this new curricular configuration, leading faculty and students to reflect on pathways for education in visual arts, conceived and developed especially for a more articulated and empirically grounded experience.

Keywords: immersive Studio of Integrated Poetics; visual art education; integrative curricular experience.

1 INTRODUÇÃO

A Curva da Munguba é uma espaço situado nas imediações do Centro de Comunicação, Turismo e Artes - CCTA, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Recebeu este nome porque abriga espécies de munguba, uma árvore nativa encontrada em distintas partes do país, de porte imponente, caule frondoso e copa arredondada.

O campus da UFPB de João Pessoa, abriga fragmentos da Mata Atlântica, vegetação nativa que é um remanescente importante do bioma no estado e possui uma rica biodiversidade, incluindo bichos-preguiças. Neste espaço, localiza-se um



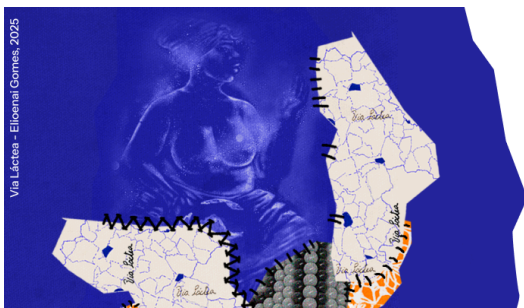
importante laboratório de formação dos cursos de Artes Visuais - o Laborateliê, que sediou o projeto aqui apresentado.

O Laborateliê funciona como um ateliê com foco em práticas tridimensionais. Tornou-se oficialmente ativo no segundo semestre de 2018, quando o Professor Marco Aurélio Damaceno passou a ocupar gradualmente uma casa abandonada, que havia sido utilizada como depósito de lixo do Restaurante Universitário (RU). O espaço/fronteira do Laborateliê foi escolhido para a realização da experiência pedagógica integrada, por se configurar como um espaço politicamente situado, pensado estrategicamente para acolher propostas pedagógicas e formativas pautadas em uma abordagem integradora e experimental.

Trabalhar de forma prática e conceitual o espaço da Curva da Munguba surgiu no contexto da reconfiguração curricular dos cursos de Artes Visuais da UFPB, que busca articular de maneira integrada três dimensões fundamentais da formação em artes: fundamentos teóricos; processos artísticos e processos educacionais (UFPB, 2024).

Esta proposta vincula-se ainda a um movimento de reestruturação curricular, conduzido pelo Núcleo Docente Estruturante dos cursos de Artes Visuais da UFPB, iniciado em 2018, visando responder a demandas de uma sociedade em constante transformação e às questões da própria área, essenciais para a atualização da formação dos profissionais que vão atuar no campo das artes visuais. A proposta está em processo de concretização, passando por ajustes finais para ser implementada, com aprovação em todas as instâncias responsáveis na Universidade.

Surgiu também da necessidade de incorporação da extensão de forma integrada ao currículo, a aprovação da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabelece a obrigatoriedade da inserção de, no mínimo, 10% da carga horária total dos cursos de graduação em atividades extensionistas. Essa diretriz representa não apenas uma exigência normativa, mas sobretudo uma oportunidade de repensar as



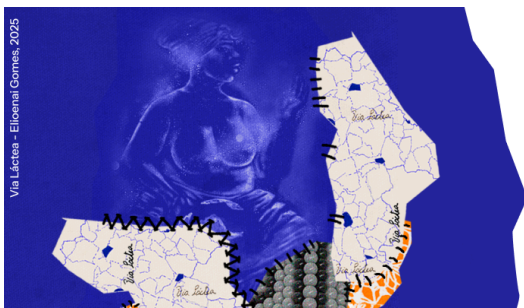
práticas pedagógicas, tornando o processo formativo mais articulado com as demandas sociais, culturais e políticas do território.

A partir da perspectiva que currículos são estruturas educacionais que requerem uma reorientação constante, e que a necessidade de inovação curricular emerge de novas formas de pensar e estruturar objetivos educacionais de formação - “que passam por dimensões específicas de um campo de saber - mas que se conectam a pilares abrangentes e fundamentais da formação humana, transversalmente, e interagem com eles” (Queiroz, 2023), buscamos desenvolver uma proposta que pudesse colaborar para a construção de currículos inovadores e contextualizados com as demandas da atualidade.

A integração curricular é apresentada como alternativa ante a crise do paradigma cartesiano, uma visão disciplinar típica da modernidade ocidental e que vem reverberando um cenário educacional marcado pelo conhecimento descontextualizado e inoperante para lidar com os problemas complexos da vida (Cruz & Costa, 2015).

A ideia de integração e transversalidade é constituída no novo currículo a partir dos *Ateliês imersivos de Poéticas Integradas* (AIPINS) - “componentes curriculares, com perfil prático e teórico, os/ as estudantes serão estimulados a perceberem relações entre suas pesquisas poéticas e um campo ampliado de conceitos, conteúdos, técnicas, linguagens, meios, conjunturas e contextos contemporâneos” (UFPB, 2024), que farão parte da nova estrutura curricular dos cursos de artes visuais da UFPB. Por meio de referências artísticas, conceituais e críticas, capazes de ativar a construção autoral do processo criativo dos/ das estudantes, o AIPIN configura-se como um espaço de experimentação no sentido de definir direções e caminhos possíveis para suas poéticas, pesquisas e trabalhos artísticos.

Nesse cenário, durante o primeiro semestre de 2024, um grupo composto por cinco docentes de diferentes componentes curriculares do Curso de Artes Visuais, idealizou um módulo coletivo, intitulado *Terreiro de Esculturas da Curva da*

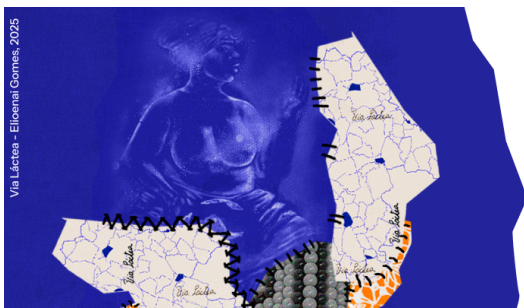


Munguba. reunindo as disciplinas de *Escultura*, *Introdução à Museologia*, *Análise das Linguagens Artísticas e Contemporâneas I*, *Ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais*, e *Metodologia da Pesquisa Científica*. Essa foi a primeira experiência de articulação efetiva entre diversos componentes curriculares no âmbito dos cursos de Artes Visuais - licenciatura e bacharelado.

2. EXPERIÊNCIAS CURRICULARES INTEGRADORAS

Ao longo de um semestre, os componentes curriculares voltaram-se para o território da Curva da Munguba, utilizando o Laborateliê como catalisador de práticas, conteúdos e reflexões. Esse espaço funcionou como campo expandido (Krauss, 1979), onde o ensino teórico e prático das artes visuais se articula com dimensões políticas, sociais e ambientais. Enquanto algumas disciplinas desenvolveram ações concretas no território, outras desenvolveram exercícios projetuais, assumindo o espaço como um laboratório de pensamento e experimentação. O desafio comum foi a possibilidade de oficializar o Laborateliê como parque/museu/terreiro de esculturas ao ar livre, mais como horizonte de experimentação do que como objetivo fixo.

Na disciplina de *Escultura*, ministrada por Marco Aurélio Damaceno, os alunos criaram uma obra coletiva intitulada *A Encruzilhada* (Fig. 1) , na qual cada peça carrega um tempo coletivo e a escuta atenta do lugar. As esculturas funcionam como corpos em relação - totens, brinquedos rituais que evocam memórias e convidam à reexistência. Nesse processo, aprender se transforma em ritual, uma experiência de cosmologia cotidiana que reforça a conexão entre prática artística e sentido comunitário. A prática pedagógica desenvolvida compreende o fazer escultórico como respostas sensíveis ao contexto. Nessa abordagem, os estudantes são incentivados a se apropriar dos materiais descartados do próprio campus, criando obras processuais e coletivas que transformam resíduos em presença e testemunho. Mais do que ensinar técnicas, a disciplina de escultura propõe a criação como gesto de escuta, cuidado e reinvenção.



Fazer escultura, pensado desta forma, corresponde a um fazer arquipélago: é também plantar - o que envolve pensar um conjunto imprevisto, às vezes efêmero, de relações. Espécies nativas como aroeiras e cactos integram as composições e ampliam o conceito de escultura para um fazer entre corpos, entre saberes, entre humanos e não-humanos.

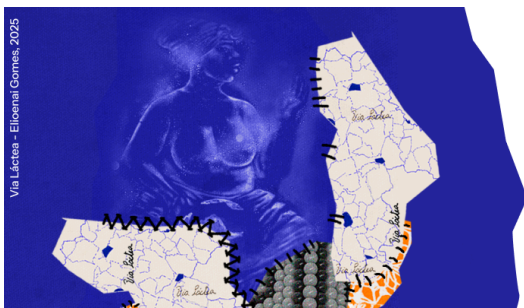
Figuras 1 e 2– Terreiro de Esculturas, ao fundo. Escultura A Encruzilhada e Aranha-Céu. 2024.



Fonte: Autores, 2024.

Na disciplina *Introdução à Museologia*, ministrada por Sabrina Melo, foi realizado um diagnóstico museológico, elaborado como um exercício prático, provisório e experimental. A atividade envolveu a elaboração do histórico da instituição e das obras associadas ao espaço, a análise de seu contexto e funcionamento, além da proposição da missão, visão e valores do Laborateliê/Curva da Munguba. Também foram planejadas, instaladas e documentadas duas obras efêmeras, integrando os conhecimentos teóricos às práticas museológicas e artísticas.

Os discentes foram convidados a criar intervenções efêmeras que dialogassem com o ambiente. A proposta incentivou a perceber como poderiam influenciar e ser influenciados pelas esculturas existentes na Curva da Munguba e pelo espaço ao redor. Além das intervenções, os alunos planejaram estratégias de



documentação museológica, refletindo sobre como registrar e preservar a memória de obras efêmeras no contexto da arte contemporânea. A atividade resultou em duas criações coletivas: *Embu-Guaçu (Cobra-Grande)* e *Cartas para Munguba* (Figuras 2 e 3).

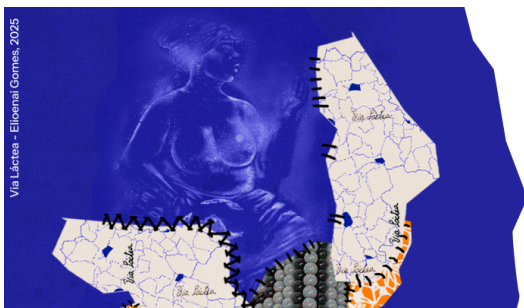
Figura 2 e 3— *Cartas para Munguba*, instalação. 2024 e *Embu-Guaçu (Cobra-Grande)*, 2024.



Fonte: Autores, 2024.

Em *Análise das Linguagens Artísticas Contemporâneas I*, ministrada por Sofia Bauchwitz, a proposta foi repassar a história da escultura, revisando práticas tridimensionais modernas e contemporâneas que pudessem orientar, alimentar a elaboração de projetos de ocupação poética da Curva da Munguba. O plano de ensino adotou uma abordagem ampla das diversas linguagens da Arte Contemporânea, partindo do surgimento do espaço moderno e do legado das vanguardas europeias do século XX até as práticas artísticas atuais.

A dinâmica da disciplina incorporou discussões sobre escultura social e arte em contexto, além de explorar os desdobramentos da escultura no campo ampliado, incluindo conceitos como *site-specific*, *land art* e as novas configurações dos museus de esculturas. A primeira etapa foi dedicada ao estudo da história da escultura, abordando suas definições, práticas e experimentações. Após isso, os estudantes foram desafiados a aplicar os conceitos no contexto da *Curva da*



Munguba, desenvolvendo projetos de ocupação tridimensional que dialogassem com o território em suas dimensões relacionais, materiais e simbólicas.

O objetivo central do componente foi capacitar os alunos para a elaboração de projetos escultóricos que ocupassem hipoteticamente o espaço, a partir de seus desejos e urgências. Obteve-se trabalhos de denúncia ao descaso urbanístico daquele espaço dentro de uma instituição de ensino; trabalhos de caráter prático, que trataram de resolver questões de convivência no CCTA, como a falta de espaços de descanso e reunião; e trabalhos que pensaram a co-presença possível junto à mata que rodeia e entrecorta toda a universidade, em uma relação ecológica e interespecífica.

Em *Ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais*, ministrada por Carolina Fonseca, o foco esteve na concepção de ações de mediação e programas educativos, que foram aplicados durante o seminário de culminância do projeto, *Do Parque ao Terreiro de Esculturas*. A atividade convidou os estudantes a desenvolver propostas conceituais de programas educativos para o *Parque de Esculturas da Curva da Munguba*, estruturados por imagens, textos e experiências de mediação. Seja explorando o conceito de semente, investigando temporalidades, promovendo experiências táteis para crianças, reflexões sobre sombras, compostagem ou dialogando com o território por meio do zine “Caderno de Folhas”, cada ação de mediação revelou diferentes dimensões do espaço da *Curva da Munguba*.

Entre essas iniciativas, destaca-se o projeto *Semeando Arte* (Figura 4) , que trabalhou o conceito de semente em suas dimensões ecológica e filosófica, promovendo diálogos sobre distribuição de sementes e práticas socioambientais, como a Rede de Sementes do Xingu. Os participantes tiveram contato com diferentes espécies de sementes e seu processo de germinação e, ao final, produziram um *fanzine coletivo*. Paralelamente, a ação *Curva das Folhas* buscou sensibilizar os participantes para o território da Curva da Munguba propondo uma escrita não-linear e reflexiva sobre o espaço.

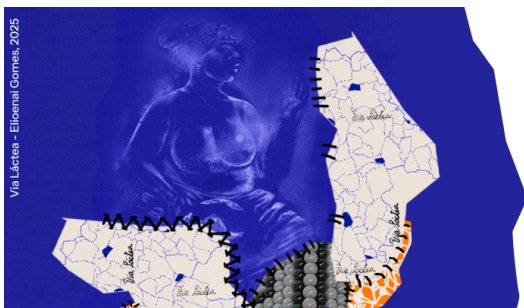


Figura 4—registros da ação: Mediação - Semeando Arte, 2024.

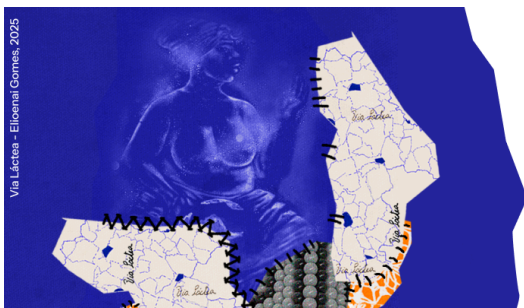


Fonte: Fotografia do grupo da ação: Rebeca Barbosa, Lindayane Nunes, Emanuely Guedes e Elainy Anastácio, 2024

A turma de *Metodologia da Pesquisa Científica*, orientada por Sicília Calado, desenvolveu verbetes que articularam conceitos transversais ao projeto, formando uma rede de palavras e referências que atravessaram os diferentes campos disciplinares. Por meio de pesquisa documental e bibliográfica, os estudantes experimentaram, de forma prática, a iniciação à pesquisa em artes visuais. Praticaram a construção de problemas de pesquisa, a partir da ideia de parque/terreiro de esculturas, a presença de obras de arte no espaço público e no campus universitário, a constituição de acervos de arte universitários, o próprio espaço do Laborateliê e seu entorno como um campo de investigação a ser explorado.

3. SEMINÁRIO DE CULMINÂNCIA: TERREIRO COMO CHÃO DE CRIAÇÃO

A culminância das experiências ocorreu em seminário aberto ao público e divulgado para a comunidade, reunindo docentes e discentes para apresentações de resultados de cada componente. O encontro permitiu, além da fixação dos conhecimentos, que as práticas dialogassem de forma interdisciplinar, ensaiando um modelo pedagógico colaborativo que antecipa os princípios dos *Ateliês Imersivos de*



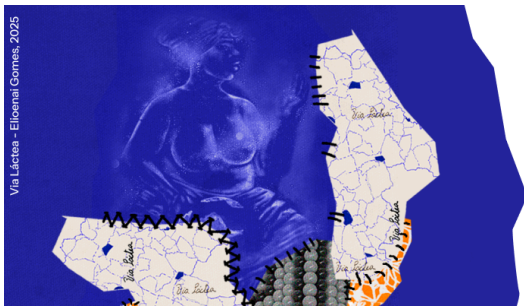
Poéticas Integradas a ser implementado com o novo currículo dos cursos de Artes Visuais na UFPB.

O termo *terreiro* foi assumido como chave conceitual do projeto. Ele evoca não apenas a dimensão física do espaço — chão de terra, quintal ou porção cultivável — mas também sua carga simbólica e ritual, como lugar de rito, escuta e transformação nas cosmologias afro-indígenas. O conceito de parque, inicialmente adotado pelo grupo, foi gradualmente dando lugar à ideia de terreiro, uma vez que ‘parque’ carrega, historicamente, a conotação de um espaço delimitado e cercado para a caça. Esse significado que foi se mostrando contraditório com os princípios coletivos e contra-hegemônicos que orientam o projeto do Laborateliê e as ações pedagógicas e artísticas dos membros do coletivo Arquipélago.

A escolha do nome *Terreiro de Esculturas da Curva da Munguba* afirma, assim, uma perspectiva em que arte, corpo, natureza e tempo se entrelaçam em um movimento de reinvenção contínua. Esculpir torna-se, assim, um ato de escuta da terra, em diálogo com ciclos de chuva, folhas, memórias e ausências. Como nos lembra Leda Maria Martins (2021), trata-se de um tempo espiralar, não linear, no qual fazer artístico é também rito, cuidado e permanência. Na *Curva da Munguba*, arte e natureza se co-constituem, transformando o território em lugar de reexistência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA PUBLICAÇÃO

Os resultados do *Projeto Terreiro de Esculturas da Curva da Munguba* foram reunidos em uma publicação, em formato *ebook*, que buscou refletir sua estrutura interdisciplinar e colaborativa. Optou-se por distribuir os capítulos em cores distintas, cada uma correspondendo às metodologias, discussões e processos realizados pelas disciplinas participantes do projeto. Essa estratégia editorial buscou dar visibilidade à multiplicidade de abordagens, sem hierarquizá-las, favorecendo a leitura transversal e a percepção da riqueza dos atravessamentos entre as áreas.



Além disso, decidiu-se por não editar os textos produzidos pelos estudantes, preservando tanto a singularidade de suas vozes quanto as marcas de errância presentes nos processos de escrita. Mais do que lapsos, esses traços são compreendidos como constitutivos da experiência formativa, registrando modos de fazer e de fazer-saber que se articulam ao caráter experimental do projeto.

Esta publicação possibilitou a documentação de todo o processo, mas também enuncia a vinculação da prática extensionista integrada ao currículo. O Terreiro de esculturas como projeto, associa ensino, pesquisa e extensão, oferecendo a possibilidade de pensar a extensão não como atividade complementar ou periférica, mas como dimensão constitutiva do próprio currículo, capaz de mobilizar e articular diferentes disciplinas em torno de um objetivo comum. O projeto possibilitou que estudantes e docentes vivenciassem práticas de criação coletiva em diálogo com a comunidade universitária e com problemáticas sociais contemporâneas, ressignificando o espaço do Laborateliê como território de aprendizagem, resistência e produção artística e cultural.

REFERÊNCIAS

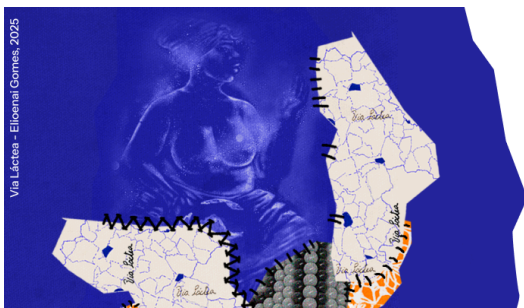
BAUCHWITZ, S.; DAMACENO, M.; FONSECA, C.; FREITAS S.; MELO, S. *Terreiro de esculturas na Curva da Munguba*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2025. (no prelo).

CRUZ, Elisabete & COSTA, Fernando Albuquerque. Revisitando o(s) sentido(s) para a integração curricular. *Revista e-Curriculum*. São Paulo, v. 13, n. 02 p.193-213. abr./jun. 2015.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 17, p. 128-137, 2008. Tradução publicada originalmente em *Gávea*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 87-93, 1984.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Currículos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais. In: BEINEKE, Viviane (org.). *Educação musical: diálogos insurgentes*. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 191-241.

MARTINS, Leda. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

UNIVERSIDADE Federal da Paraíba (UFPB). *Projeto pedagógico dos cursos de licenciatura e bacharelado em artes visuais*. 2024. (não publicado).